

Fero fers tuli latum ferre

Era mais ou menos o ano do quarto centenário, isto é, 1954. Morávamos na rua Diogo de Faria, 72 no centro de Guarulhos. Estudava a noite no ginásio Conselheiro Crispiniano que ficava no mesmo prédio do grupo escolar Capistrano de Abreu junto a Praça Getúlio Vargas.

Estava aprendendo latim e já conseguia ler alguns trechos do livro "De bello Gallico", que é a narrativa das guerras da Gália feitas pelo próprio Julio César uns 60 anos aC.

Tinha um primo chamado Milton Lourel de Lima, que era filho da minha tia Cotinha, mulher do Mario Boari Tamassia. O meu tio tinha casado com ela, que era uma viúva muito bonita, mas com quatro filhos.

O Milton estudava direito em uma escola em São Paulo, andava sempre bem vestido e muito elegante. Dizia que sabia bem o latim entre outras coisas e vinha sempre à minha casa conversar com a Neusa e a Sonia e os outros primos e primas que iam lá. Era simpático a todos e gostávamos muito dele.

Resolvi fazer uma brincadeira maldosa e perguntei-lhe com ênfase nas palavras o que queria dizer em latim, induzindo-o ao erro: *fero, fers, tuli, latum, ferre*. Imediatamente ele respondeu, induzido no que lhe disse: "quem com ferro fere, com ferro será ferido".

Não era, pois, *fero, fers, tuli, latum, ferre* é o verbo levar em latim.

Todos deram risadas, mostrando que na verdade o Milton sabia muito pouco de latim, como todos nós.



Engenheiro Plínio Tomaz